

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2005

Onqotô: Nova coreografia da companhia mineira mostra certa inovação nos movimentos criados por Rodrigo Pederneiras

O poder de transformação do Grupo Corpo

Leonardo Aversa

Silvia Soter

**DANÇA
CRÍTICA**

Quebrando o ritmo de estréias a cada dois anos, chega ao Rio "Onqotô", espetáculo da merecida comemoração dos 30 anos do Grupo Corpo, apenas um ano depois de "Lecuona". Como a cada vez, as coreografias vêm aos pares. "Onqotô" é precedido pelo arrebatador, colorido e já maduro "Lecuona". O programa segue em cartaz no Teatro Municipal até segunda-feira.

Caetano Veloso e Zé Miguel Wisnik criaram a música, em inédita parceria. O big-bang, o termo anglo-saxão que nomeia a explosão que deu início ao universo, veio junto com a música como tema para a peça. "Onqotô" — corruptela à mineira de "onde que eu estou?" — toca em questões filosóficas e existenciais pertinentes tanto para reflexão sobre o universo, quanto para pensar sobre os 30 anos bem vividos da companhia mineira.

Depois das cores e da sensualidade de "Lecuona", "Onqotô" contrasta pela densidade e pelo tom cinzento e sombrio da cena. A música ga-

nha suporte percussivo no sapatear dos bailarinos. A agilidade e a leveza da movimentação de Rodrigo Pederneiras se inova, numa relação dos pés com o chão antes pouco explorada na dança do Corpo. O cinza das franjas que cercam o palco, o negro dos figurinos e a força do coletivo reforçam a idéia de comunidade. Aos poucos, os figurinos de Freusa Zechmeister colorem os corpos, recortando-os do ambiente cinzento. O cenário de Paulo Pederneiras é eficiente ao criar uma parede permeável que faz com que os bailarinos irrompam em cena e dela desapareçam, com velocidade.

Dois belos duos de tirar o fôlego

Da massa — nem sempre regular — que dança e percute o chão, alguns bailarinos se destacam sem perder o pulsar comum. Ao longo da peça, essa comunidade ganha ares mais ou menos primitivos ou urbanos. Ela é, ao mesmo tempo, tribo e multidão. Ela se presta ao sacrifício e ao carnaval.

Se para muitos criadores a música não é mais parceira inseparável da dança, isso não é

verdade em se tratando de Rodrigo Pederneiras e de seus colaboradores. Uma das infinitas qualidades do Corpo é encontrar o ponto de equilíbrio exato entre trilha sonora e coreografia. Esse equilíbrio se dá, em geral, quando a coreografia não está lá apenas para dar visibilidade à música e à dança. Sem poder ser imaginada dissociada daquela música, consegue existir sem a esta se sobrepor. É o que ocorre, por exemplo, em "Lecuona". Já em "Onqotô", esse não é sempre o caso. Em alguns momentos, a potência da música de Wisnik e de Caetano não encontra equivalente na dança. Mas quando encontra, como, por exemplo, nos dois belos duos ao som de "Mortal loucura" de Wisnik, a partir do poema de Gregório de Matos, "Onqotô" é de tirar o fôlego.

Sabendo que nada é acaso na dança dos Pederneiras, o contraste entre "Onqotô" e "Lecuona" tem efeito de provocação e obriga também o espectador a se perguntar: afinal, onde é que estou? Diante do Grupo Corpo, é claro, que há 30 anos se transforma, sacode o que antes foi visto e, felizmente, segue na estrada. ■



"ONQOTÔ": PRESENÇA forte da música de Caetano e Wisnik